

O ENSINO DE FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO COMO PRÁTICA REFLEXIVA E LIBERTADORA NAS LINHAS DA METODOLOGIA ATIVA

Wellington Costa de Oliveira¹
Diane Aparecida Figueiredo²
Saulo Magno Firmo Santos³

RESUMO: O presente artigo tem como escopo analisar o ensino de Filosofia no ensino médio, tendo como fio condutor o método ativo de aprendizagem como prática a consubstanciar atividades intelectivas reflexivas que libertem o pensamento da mera ação de apreensão conceitual preestabelecida. Partindo da verificação que na relação ensino-aprendizagem, os discentes ocupam o espaço de meros receptáculos dos conteúdos previamente elaborados, e, com isso, o processo de reflexão, característica fundamental da Filosofia, recai em depreciação limitando o pensamento humano em mero aparelho reprodutivo. O presente trabalho está pautado em pesquisa bibliográfica onde apresenta-se as contradições do método de ensino tradicional que causa óbice à liberdade do pensamento para a práxis da atividade produtiva libertadora, problematizando tal atividade numa relação dialógica com determinados pensadores de ordem filosófica e docente. Trata-se, portanto, de promover uma investigação frente ao exercício da busca pelo conhecimento e criação de conceitos face ao mundo envolto por subjetividades e mudanças possibilitando aos discentes, o alcance da autonomia da razão.

PALAVRAS-CHAVE: ensino de filosofia; atividade reflexiva e libertadora; método ativo; produção de conceitos; autonomia da razão.

THE TEACHING OF PHILOSOPHY FOR MIDDLE SCHOOL AS REFLECTIVE AND LIBERATING PRACTICE IN THE LINES OF ACTIVE METHODOLOGY

ABSTRACT: This article aims to analyze the teaching of Philosophy in high school, having as a guiding thread the active method of learning as practice to consubstantiate reflexive intellectual activities that release the thought of the mere action of pre-established conceptual apprehension. From the verification that in the teaching-learning relationship, the students occupy the space of mere receptacles of the contents previously elaborated, and, with this, the process of reflection, fundamental characteristic of the Philosophy, falls in depreciation limiting the human thought in mere reproductive apparatus. The present work is based on a bibliographical research that presents the contradictions of the traditional teaching

¹ Licenciado em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros (2007). Pós-Graduado em Língua Portuguesa pela Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM, Pós-Graduado em Design Instrucional para EaD Virtual pela Universidade Federal de Itajubá - UNIFEI, Especializando em Língua Brasileira de Sinais, pelo Instituto Cotemar. Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano. MESTRE EM CIÊNCIAS HUMANAS - MPICH da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.

² Graduada em Letras Português/Francês e Direito pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro – FENORD. Especialista em Língua Portuguesa pela Faculdades Integradas Simonsen. Técnico Administrativo em Educação do Campus do Mucuri – UFVJM. Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.

³ Graduado em Direito pela Fundação Educacional Nordeste Mineiro – FENORD. Graduado em Filosofia pela Universidade Metropolitana de Santos - UNIMES. Professor do Ensino Médio do Estado de Minas Gerais – SER-TO. Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais.

method that causes obstacles to freedom of thought for the praxis of liberating productive activity, problematizing this activity in a dialogical relationship with certain philosophical and teaching thinkers. It is, therefore, to promote an investigation in the exercise of the search for knowledge and creation of concepts vis-a-vis the world surrounded by subjectivities and changes enabling students to reach the autonomy of reason.

KEYWORDS: teaching philosophy; reflective and liberating activity; active method; production of concepts; autonomy of reason.

INTRODUÇÃO

Partindo da premissa que os processos de transformações transitam pelos diversos campos do saber, compreender a dinâmica dessas transformações não é uma atividade simples, pois se inscrevem em tempos líquidos e interessantes. “[...]: ‘Líquido-moderna’ é uma sociedade em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação” (BAUMAN, 2009, p. 7). É nesse cenário que se torna relevante verificar o processo de ensino de Filosofia no ensino médio como uma prática reflexiva e libertadora. Simultaneamente, entender o método ativo de ensino- aprendizagem com vistas à produtividade conceitual em tempos líquidos⁴.

De forma muito restrita, o ensino de Filosofia no ensino médio tem sido realizado com o intuito de os alunos absorverem a história do pensamento filosófico, todo acervo conceitual e estrutural construído pelos filósofos através de textos e conceitos prontos. Observa-se que na realidade, muitas vezes, não se ensina a refletir, transmite-se estruturas prontas. Essa ideia de transmissão pode sofrer desvios e ser modificada. Segundo Gallo (2012, p.69) “o lugar da Filosofia na escola deveria ser o de promover uma experiência da ignorância⁵, coisa que nenhuma outra disciplina é capaz de fazer”.

Em linhas específicas, a abordagem aqui trabalhada está centrada na investigação acerca das práticas educacionais filosóficas, no âmbito do ensino

⁴ Entendemos tempos líquidos como espaço onde as realizações individuais não podem solidificar-se em posses permanentes porque, em um piscar de olhos, os ativos se transformam em ativos e seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas das formas de agir.

⁵ A doura ignorância – A verdadeira sabedoria, antes de mais, consiste em reconhecer a sua ignorância. Para aprofundamento consultar: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-metodo-socratico.htm>

médio, como atividade reflexiva e libertadora, de ordem crítica para produção de conceitos⁶ contrapondo a mera apreensão e reprodução dos mesmos.

Não obstante, ao demonstrar as ideias e conceitos, em nexos casuais, o presente artigo busca problematizar a relação entre o método tradicional⁷ de ensino e método ativo⁸ de ensino apontando que a atividade e produtividade são os dinamos da atividade filosófica.

1 ABORDAGEM TEÓRICA: METODOLOGIAS TRADICIONAIS E ATIVAS NO PROCESSO DE ENSINO

O espectro teórico que delinea a presente investigação está embasado no método ativo de ensino como condição de possibilidade para transformação do ensino de Filosofia em prática produtiva, ressignificando as ações docentes e discentes vendo-as como móveis à percepção do mundo apresentado e a produção de conceitos. Para tanto, de forma exordial, faz-se necessário discorrer sobre o método ativo de ensino e suas características.

Cumprido afirmar que o processo do método ativo de ensino remonta ao período moderno. Segundo Abreu (2000), os primeiros indícios dos métodos ativos encontram-se na obra *Emílio ou da Educação*⁹ escrita por Jean Jacques Rousseau

⁶ O conceito define-se pela inseparabilidade de um número finito de componentes heterogêneos percorridos por um ponto em sobrevoo absoluto, à velocidade infinita. Os conceitos são “superfícies ou volumes absolutos”, formas que não tem outro objeto senão a inseparabilidade de variações distintas. O conceito é, portanto, ao mesmo tempo absoluto e relativo: relativo aos seus próprios componentes, aos outros conceitos, ao plano a partir do qual se delimita, os problemas que se supõe deva resolver, mas absoluto pela condensação que opera, pelo lugar que ocupa sobre o plano, pelas condições que impõe ao problema. (DELEUZE, 2010, 29- 30)

⁷ É a abordagem predominante no país e por isso mesmo a mais conhecida dos pais. Nas escolas tradicionais, o foco está no professor, que detém conhecimentos e repassa ao aluno. O estudante tem metas a cumprir dentro de determinados prazos, que são verificadas por meio de avaliações periódicas. Para aprofundamento, consultar: <https://www.capesesp.com.br/conheca-os-metodos-de-ensino-das-escolas>

⁸ A metodologia de ensino ativo, a qual apresenta o aluno como protagonista, construindo o conhecimento a partir de seu histórico e de suas vivências. A metodologia do ensino ativo transforma a sala de aula em um ambiente mais agradável e enriquecedor para o aluno, despertando seu interesse e motivando sua participação. A metodologia consiste em tornar a aula colaborativa, de forma que o conhecimento é construído a partir do histórico compartilhado pela sala. O filósofo Diógenes afirmava que a melhor forma de provar o movimento a quem afirma que ele não existe é andando. O método ativo é, precisamente, aquele que permite aos formandos andar. Permite, afinal, que, através da interação, se aprenda mais e melhor do que nos cursos magistrais. O método ativo permite que o formando seja o agente voluntário, ativo e consciente da sua própria educação

⁹ *Emílio ou da Educação*, obra de Jean Jacques Rousseau (1762). Fiel a seu princípio, segundo o qual o homem nasce naturalmente bom, Rousseau estima que é preciso partir dos instintos naturais

(1712-1778). Obra onde a Filosofia e educação se entrelaçam e a atividade filosófica coloca em detrimento a simples teoria educacional. Ghedin, aponta que:

Tradicionalmente, a Didática estabelecia a descrição de três elementos presentes no processo de ensino: o professor, o aluno e o conteúdo de aprendizagem. Sustento que a reflexão didática implica pensar também no processo, na relação afetiva, nas teorias da aprendizagem, na cognição, nas relações profissionais, entre outros fatores. (GHEDIN, 2009, p. 119).

Do citado, cabe inferir que o ensino de Filosofia penetra no campo da atividade e produção. Na obra Emílio, a relação de aprendizagem implica pensar no processo de cognição entre as partes entrelaçadas ao processo ensino aprendizagem. Cabe explicitar que, na edificação metodológica da Escola Nova¹⁰, o discente em atividade e produtividade, passa a ter corpo de valor e o docente assume posição de partícipe do processo e não mais de centro do processo ensino aprendido. Dessa forma, Dewey, por seu turno, na Escola Nova advoga que a aprendizagem ocorre pela ação, posicionando o discente no centro do processo governado pelo binômio ensino aprendizagem.

Observa-se que através do método ativo de ensino abre-se a possibilidade de transformar o aprendido em prática produtiva, inserindo os discentes no centro do processo contrapondo-se assim ao método tradicional onde os mesmos estão limitados à mera condição de receptores. De acordo com Abreu 2009, diferente do método tradicional, que primeiro apresenta a teoria e parte dela, o método ativo busca a prática e dela parte para a teoria. Nesse passo, “há uma migração do ‘ensinar’ para o ‘entender’, a deriva do enfoque no docente para o discente, que assume a corresponsabilidade pelo aprendido”. (Souza and All, 2014, p. 285).

No intuito de clarificar o que se entende por metodologias ativas, apresenta-se duas imagens que seguem: Na primeira imagem tem-se o esquema de métodos ativos onde os discentes são o centro na relação ensino aprendizagem tendo o

da criança para desenvolvê-los. A educação negativa (essa que propõe o filósofo), na qual o papel do preceptor (professor) é, sobretudo, o de preservar a criança, deveria substituir a educação positiva que forma a inteligência prematuramente e impensadamente. <https://brasilescola.uol.com.br/filosofia/a-educacao-no-emilio-rousseau.htm>

¹⁰ Na corrente pedagógica renovada, também conhecida como Escola Nova, o aluno é o núcleo do aprendido, no lugar dos mestres e da grade curricular. Este método nasce em contraposição à educação convencional, em fins do século XIX, no continente europeu e nos Estados Unidos. No Brasil este ideário se fixa nos anos 20 e particularmente a partir da década de 30. Nesta metodologia o aprendiz é visto como um ser autônomo, operante e apto a conquistar o saber. O professor é o condutor deste processo, uma Ariadne educacional, enquanto o meio ambiente atua como a necessária motivação dos alunos para seguir na direção do conhecimento. Para aprofundamento, consultar: <https://www.infoescola.com/pedagogia/educacao-metodo-renovado/>

discente como elemento mediador da relação tendo como resultado o processo reflexivo onde cada discente atua em autonomia reflexiva para desenvolvimentos em equipe problematizando a realidade o que assegura o processo de inovação do ensino. Na segunda imagem, a prática do método ativo, em nossa experiência no modelo de aulas invertidas que são preparadas pelos próprios discentes com atuação do docente no campo da mediação.



Imagem 1 – metodos ativos.

Aplicação de metodologia ativa em aula invertida. E.E. Doutor João Beraldo, Carlos Chagas-MG. Imagens do autor.



Imagem 2 – aplicação dos métodos ativos

Havendo a maior interação e atividade dos discentes na relação ensino e aprendizagem, o discente passa a ter maior efetividade nas salas de aula e passa a compreender de forma mais ampla o mundo para fora da sala de aula. Como leciona Souza:

Visto, que surge a necessidade de apreensões mais amplas, constructos mentais mais profundos que passam pelos processos de aprofundamento teórico, pesquisas, observações. Métodos comparativos, percepções, organização de dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificações, interpretações, procedimentos críticos-analíticos, suposições, construção de sínteses e aplicações de fatos e princípios a novas situações, planejamento de projeto e pesquisas, análise e tomada de decisões. (SOUZA. IGLESIAS. PAZIN-FILHO, 2014, p. 285-286).

Observa-se que para emergir as práticas reflexivas que libertam o pensamento humano da mera reprodução para a criação conceitual, no campo do ensino de Filosofia no ensino médio, o método ativo deve ser aplicado para movimentar o discente para o cume da autonomia do pensamento.

2 DAS PRÁTICAS REFLEXIVAS LIBERTADORAS NO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O ENSINO MÉDIO

Ao relacionar o método ativo com o ensino de Filosofia para o atingir as

práticas reflexivas e libertadoras no ensino médio tem-se que a ação reflexiva é aquela que liberta o sujeito humano da limitada reprodução conceitual. Segundo Deleuze (2010) o plano de imanência dá a filósofo a amizade ao conceito, ele é conceito em potência. Segundo Deleuze e Guatari:

Quer dizer, que a filosofia não é simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. A filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos. O amigo seria o amigo das suas próprias criações? Ou então é o ato do conceito que remete à potência do amigo, na unidade do criador e de seu duplo? Criar conceitos sempre novos é objeto da filosofia. (DELEUZE e GUATARI, 2010, p.11).

Depreende-se, do citado, que a natureza da Filosofia é a da produção de conceitos, para tanto, faz-se necessário relacionar o método ativo, como já exposto, para que o plano de imanência se dê, no discente, atuando de forma crítica, reflexiva em estado de liberdade intelectual. Na medida em que se vive num mundo marcado por subjetividades, torna-se necessário processos de investigação regidos pela autonomia reflexiva do pensamento que supere a acumulação de saberes prontos. Nesse sentido, aponta-se para as práxis libertadoras no ensino de Filosofia no ensino médio que somente se faz possível por métodos ativos.

Portanto, retoma-se a lição de Gallo “o lugar da Filosofia na escola deveria ser o de promover uma experiência da ignorância, coisa que nenhuma outra disciplina é capaz de fazer” (2012, p.69). Promover a experiência da ignorância significa compreender que os saberes não são prontos e acabados, mas estão em processo de devir. Se, de um lado trazemos o ensino de filosofia como ensinar aos discentes a história do pensamento filosófico, temos apenas a transmissão de estruturas prontas o que não coaduna com a real função da filosofia que é a da desconfiância e produção de conceitos.

Ressalta-se que o sentimento de ignorância foi compartilhado pelos filósofos desde Sócrates. Nesse sentido, a filosofia deve ocupar o ponto de reversão porque ela é o lugar de uma verdadeira ignorância. Compete ao ensino de filosofia a transmissão de sentimentos, como o da ignorância, ou seja, do desconhecimento e retirada do que se julga saber para, então, construir saberes novos constituindo-se como atividade produtiva de ordem libertária.

A atividade produtiva, de ordem teórica e prática, realizada e indicada por Paulo Freire faz surgir uma síntese criadora e inusitada nas linhas do pensamento

filosófico contemporâneo como a fenomenologia, existencialismo dialético e materialismo histórico. Tal atividade produtiva educacional explicita uma sabedoria incomum, aplicada fortemente no sistema educacional. Freire afirma, no texto *Ação Cultural Liberadora*:

Minha perspectiva é dialética e fenomenológica. Eu acredito que daqui temos que olhar para vencer esse relacionamento oposto entre teoria e práxis: superando o que não deve ser feito num nível idealista. De um diagnóstico científico desse fenômeno, nós podemos determinar a necessidade para a educação como uma ação cultural. Ação cultural para libertação é um processo através do qual a consciência do opressor "vivendo" na consciência do oprimido pode ser extraída. (FREIRE, 1988, p.89).

De acordo com a citação acima, efetiva-se um sentido basilar para as práticas filosóficas, em sede de ensino e ensino médio, que é a educação como espécie de caos produtor de ações educativas voltadas à cultura como ação libertadora em processo de florescimento na consciência do oprimido possibilitando a desestruturação das práticas opressoras.

Para se criar tal estrutura torna-se importante a construção de Paulo Freire, que indica a educação como prática libertadora que leva os indivíduos à autonomia enquanto ente pensante e produtivo. Sendo assim, entende-se que o ato de filosofar é provocar o advento do pensar no âmago do pensamento. A partir da ideia de que o pensamento se encontra imerso em dormências letárgicas, o mesmo precisa ser provocado, lançado em ato. Eis o princípio da saída do que foi denominado de senso comum¹¹.

O confronto do pensamento desperto com as subjetividades constituídas é necessariamente um embate violento. A premissa supracitada de Paulo Freire indica que o ensino de Filosofia é uma ação cultural relacionada à consciência crítica e problematizadora. E tem como escopo gerenciar ou organizar instrumentos na mente dos seres humanos em estado de opressão. O oprimido é ser humano não liberto, enquanto o liberto é o que pensa de forma autônoma.

Por essa ótica, o ensino de Filosofia não pode ser apenas um contato com os discentes tendo o docente como transmissor de estruturas prontas, mas indica a necessidade de fazer com que os discentes percebam o estado de ignorância ou desconhecimento e busquem a libertação e autonomia como indica Silvio Gallo e

¹¹ Expressão para designar aquilo que as crenças tradicionais do gênero humano, aquilo que todos os homens acreditam ou devam acreditar sem que haja atuação do tribunal da razão para verificação de validade. ABBAGNANO, 2007, p. 1038).

Paulo Freire.

Ora, se o estado de ignorância ou desconhecimento deve existir para que os discentes entrem no estado de libertação e autonomia, remete-se aqui a ideia de consciência crítica. Consciência crítica não significa confronto com a realidade, se revestindo de uma falsa posição intelectual, que é intelectualista. A consciência crítica não pode existir sem prática, isto é, fora do processo ação e reflexão.

O processo ação e reflexão ou exercício do pensamento, como mecanismo de libertação, tem como pressuposto a ressignificação das representações desencadeando um processo de abalo das estruturas subjetivas que fundamentam o senso comum. Exige-se para isso o desempenho ordenado das faculdades produtivas das falsas representações ou modelo cognitivo normal e comum, também, nos estudantes. Neste caminho é necessário rever conceitos, reconstruí-los ou dar novos significados aos mesmos. Nietzsche determinou a tarefa da Filosofia quando escreveu:

Os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem a fabricá-los, criá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso, mas é necessário substituir a confiança pela desconfiança e, é dos conceitos que o filósofo deve desconfiar mais, desde que ele mesmo não os criou. (Deleuze e Guatari, 1992, p.4-15).

Ao conceber o ensino da Filosofia para uma política libertária e autônoma incita-se os discentes a perceberem a ignorância, e, desejar a libertação face ao senso comum. Tal atitude produz a autonomia dos discentes fazendo-os produtores de conceitos que lhes deem novas verificações das representações. Observa-se que o profissional docente tem a função de não moldar discentes, mas provoca-los a pensar. O que caracteriza uma atividade reflexiva para a autonomia da razão em estado de liberdade no relação ensino aprendizagem.

3 ESTRUTURAS DO ENSINO DE FILOSOFIA COMO FORMA LIBERTADORA E AUTÔNOMA

A história revela que o ato de ensinar, indica o processo de aprendizagem. Ato esse que remonta a civilizações extremamente antigas como a chinesa. Entretanto, a aprendizagem passa a ser analisada de forma científica a partir do

século XIX. Vindo a se tornar objeto de debate no campo escolar e acadêmico a partir de 1950 até os tempos atuais. O presente trabalho teórico busca analisar o ensino da Filosofia no Ensino Médio como sendo capaz de proporcionar, aos discentes, a ultrapassagem do senso comum sendo autônomos nas suas posições mentais diante as representações do mundo e, com isso, libertos de conceitos prontos. Portanto é na análise do processo de aprendizagem se pode atingir o que se busca no presente trabalho.

O ensino de Filosofia se efetiva de forma processual e contínua na esteira da aprendizagem. Os conceitos que tangenciam a aprendizagem são vastos. Desde Ratke, Comenius, os Escolásticos, Saviani e Paulo Freire entre outros tantos estudiosos do processo de ensino estão presentes as menções a tal processo. Aprendizagem é um processo que se dá em bilateralidade que implica a relação direta entre quem ensina como quem aprende. Dessa forma, a aprendizagem é mais bem definida como ação processual e contínua. Em síntese, apresenta o seguinte:

A aprendizagem pode ser definida, portanto, como um processo de transformação interna significando o termo transformação a participação ativa do sujeito no processo das representações mentais sob a influência de novos saberes. No entanto, essa definição da aprendizagem pode levar a entender que o sujeito só aprende aquilo que inventa por si mesmo. Nenhum saber pode ser redescoberto ou reinventado pelos alunos (BLIN. GALLAIS-DEULOFEU, 2005, p. 79).

Ora, se a aprendizagem é um processo de transformação interna, que significa a transformação ativa do ser humano no processo das representações mentais sob a influência de novos saberes, temos o ser humano em nosso foco entendido como o discente que não deve ser passivo. O ensino de Filosofia deve provocar nos discentes o desejo pela verificação dos seus reais saberes, se estão em estado de ignorância ou não, e verificando tal estado devem modificar o formato com qual percebem as representações, no mundo, estabelecidas, pelo senso comum, buscando a releitura de si, no mundo, através da produção crítica de novos conceitos e, com isso se posicionar na sociedade de forma autônoma e liberta.

Os conhecimentos construídos pelos discentes através do ensino de Filosofia tem a função provocar a interpretação da realidade construindo novos significados. Logo, tal ensino, enquanto processo de autonomia e libertação, é definível como um efeito de entendimento das estruturas de saber já prontas, colocando-as em dúvidas, articulando novos esquemas conceituais possibilitando aos seres humanos

configurar suas próprias estéticas existenciais. Como bem asseverou Descartes (2012) “tudo deve ser posto em dúvida”. O ensino de Filosofia deve seguir o que Nietzsche prescreve “ao desconfiar de tudo”.

A prática filosófica é o momento em que os discentes tem o privilégio para a construção de conhecimentos autônomos. Como posto por Freire (1999) a existência de dois tipos de educação sendo uma opressora e outra livre, ou quem luta para se libertar.

A sociedade opressora é chamada de bancária, depositando conhecimentos prontos nos discentes reduzindo-os a objetos passivos no processo de ensino, no qual são depositadas informações de todos os campos do saber, logo, Filosofia. O ensino libertador se faz quando todos os sujeitos são ativos e cuja finalidade é a de ampliar a consciência social de todos, especialmente os alunos, para que se viabilize o término da opressão. Oprimir é comprimir ou tolher, no presente trabalho, oprimir é impedir que os discentes identifiquem suas próprias identidades e, esse móvel, não é função da Filosofia, ao contrário, o ensino de Filosofia deve promover atividades mentais, nos discentes, de ordem produtiva tendo o docente como mediador de tal atividade para que os educandos desenvolvam suas capacidades cognitivas de forma autônoma tendo a certeza de que é necessário entender as informações transmitidas e reformulá-las, eles, discentes, por eles mesmos, desconfiando das mesmas, colocando-as em dúvida, formulando e criando seus próprios conceitos. A filosofia se fez nesse formato, o da não aceitação e de novas produções mentais. Neste sentido Paulo Freire (1999) salienta que:

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo. Só assim podemos falar realmente de saber ensinado e apreendido na sua razão de ser e, portanto aprendido pelos educandos (FREIRE, 1999, p. 29).

Conforme explica Paulo Freire a atividade educacional tem a função de produzir novos conhecimentos e o ensino de Filosofia tem o dever de provocar nos discentes a capacidade criativa e produtora de novas interpretações das representações de forma crítica produzindo conhecimentos novos que possam ser utilizados na resolução de problemas, buscando reflexões críticas das representações que se dão no mundo.

Seguindo a linha e considerações dos teóricos supracitados, é possível

afirmar que o ensino de Filosofia, no nível médio, é uma das partes do processo de aprendizagem como um todo e significa a experiência da efetivação e modificação dos conhecimentos por parte dos discentes em práticas pessoais distribuídas nas interações sociais fecundas no ambiente escolar como processo de construção dos saberes onde os docentes não podem ser apenas mediadores, mas provocadores na construção de conhecimentos autônomos e livres.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DO ENSINO DE FILOSOFIA

O ensino de Filosofia se aplicado nos anos iniciais da vida escolar, com a finalidade de despertar nos discentes o desejo pela prática investigativa, de forma processual, contribui ao entendimento das demais áreas da grade curricular.

A ação filosófica é fundamental para a melhor apreensão não só das leituras do mundo, mas do processo cognoscitivo em ordem lógica, posicionamento ético, entendimento político, formação das relações pessoais em estado de interação e pensamentos autônomos, uma vez, que, tais faculdades fazem com que os discentes pensem de forma crítica, autônoma e fundamentada, logo, tais aspectos são indissociáveis ao desenvolvimento da racionalidade.

Os exercícios destas atividades intelectivas, por parte dos educandos, não só no ensino médio, mas nos anos iniciais do processo educacional é fundamental, visto que, não há “mata virgem”, a criança é, em si, o habitáculo do questionamento, é de natureza da criança a energia vital dos porquês e desejam, antes da idade cronológica relacionada ao ensino médio, as respostas possíveis para todos os porquês, visto que é uma condição existencial como supra referenciamos.

O ensino de Filosofia, se, aplicado em períodos anteriores ao nível médio educacional tem a capacidade de promover a construção histórica nos discentes em estrutura dialética. Construir suas identidades de forma autônoma através dos debates investigativos é algo exclusivo da Filosofia, não deve haver saberes prontos. Nesse sentido, o docente de Filosofia deve incitar os discentes a pensar criticamente. Segundo LIPMAN (1990), os seres humanos são detentores das habilidades mencionadas, mas necessitam de estímulos para serem melhores desenvolvidas.

Corroborando com o que se apresenta, é possível afirmar que o ensino de

Filosofia está para além da própria Filosofia e penetra em outras áreas do conhecimento humano como mecanismo metodológico fulcral de aprendizado, sendo, disciplina fundamental na construção da estética humana crítica, autônoma e liberta tendo funcionalidade em todos os campos do saber abrindo mão, sobretudo, do estado da *dóxa*¹².

A atividade produtiva autônoma e libertadora deve ter início com o ensino de Filosofia relacionando o mesmo com questões atinentes as vidas dos próprios discentes, neste sentido, não se tratam mais de apresentar determinada estrutura textual distribuída na história da Filosofia, mas com todas as estruturas, promovendo paralelos diretos nas vidas dos discentes em situações práticas. É função do ensino de Filosofia fomentar nos discentes o afã pela pesquisa e aplicação real das pesquisas realizadas, pelos mesmos, como seres humanos ativos no tempo.

Instrumentos pedagógicos como teatro, poesia e pintura são do campo da estética, área de conhecimento filosófico que proporciona, aos alunos, vivências de expressões que devem ser implementadas como forma de leitura do mundo bem como a Filosofia Política indicando, aos alunos, ferramentas para analisarem as dinâmicas sociais as quais estão inseridos. Se, a filosofia carece de linguagem dialógica, o ensino da Filosofia não se faz sem o diálogo e, se o formato do ensino se dá através de monólogos onde o docente é o detentor do conhecimento não há ensino completo, mas apenas educação bancária como afirmou Freire.

O ensino de Filosofia carece de métodos eficazes para que o aprendizado se dê, em linhas de questionamentos face o que lhes é transmitido como um todo em grade curricular e de suas próprias vivências. CANAN e REAL (2005) explicitam que a “filosofia entra a partir de vivências e do diálogo filosófico”. Face ao que se defende, é perceptível que o ensino de Filosofia se desenvolve pelas experiências diuturnas, dos discentes, através da percepção do estado de ignorância, na entrada do senso crítico abrindo campo para a autonomia de cada discente e pelas suas próprias leituras do mundo atingindo o estágio de não aceitação automática do que lhes é transmitido, para tanto, é necessário o processo de aprendizagem com a junção do método ativo no processo educacional.

Apoiado no argumento inicial de Paulo Freire no presente trabalho, é nos

¹² De doxa (opinião). Husserl indica com esse adjetivo todos os caracteres próprios da crença (ou doxa) (ideen, I, 103) ABBAGNANO, 2007, p. 345).

diálogos, pelos diálogos e em razão dos diálogos que se deve atribuir valor aos conhecimentos de cada discente, despertando a saída do estado de *dóxa* e enfrentando os desafios das representações que se manifestam no mundo. Assevera Jean Piaget (1996).

A 'escola ativa' baseia-se na ideia de que as matérias a serem ensinadas à criança não devem ser impostas de fora, mas redescobertas pela criança por meio de uma verdadeira investigação e de uma atividade espontânea. 'Atividade' se opõe, assim, à receptividade. A educação moral ativa supõe, conseqüentemente, que a criança possa fazer experiências morais e que a escola constitui um meio próprio para tais experiências (PIAGET, 1996, p.20).

O ensino de Filosofia que objetiva a estruturação indivíduos com pensamentos autônomos, somente assume forma com o exercício do diálogo entre discentes e docentes aplicando, nesta relação, métodos que façam os alunos desejarem os colóquios e as extensões escolares em atividade contínua de leituras das estruturas filosóficas o que fará com que os saberes sejam sempre aumentados e ressignificados tendo, os discentes, o prazer em redescobrir as respostas de acordo com suas curiosidades em estado de investigação ininterrupta.

Assevera-se que a ação filosófica acontece ininterruptamente nas relações sociais. As transformações são oriundas dos seres humanos, no entanto, em grau de conhecimento as sociedades são formadas por indivíduos que detém menos ou mais conhecimentos, os que oprimem e os oprimidos, logo, uma pedagogia de ensino para a libertação deve equiparar tais forças mentais para que os aparatos ideológicos não tenham a força que, ainda, tem.

O que se pretende explicitar é o fato que para colocar os seres humanos em estado de investigação criteriosa, nosso caso em voga, os discentes há uma delicada controvérsia que faz todo sentido em relação ao tempo em que se deve iniciar estudo e ensino da Filosofia. Questão já posta por Epicuro (2007) "Na juventude, não devemos hesitar em filosofar, na velhice, não devemos deixar de filosofar".

Conforme exposto acima, o ensino da Filosofia não deve ser somente para crianças ou adolescentes, mas para todos os seres humanos. Tendo a função de aguçar o pensamento crítico que o distancia senso comum que avassala as sociedades se amoldam.

Portanto, o ensino de Filosofia no ensino médio não pode ser tema de

debates assumindo formas onde a Filosofia é vista como algo complexo. O formato como ensino de filosofia é configurado determinará a não a ideia de facilidade ou dificuldade, mas de desejo e prazer pelos alunos. Facilidade ou dificuldade caem por terra quando os alunos passam a ter visões otimistas e prazerosas face à Filosofia que deve ser adequada e trabalhada em razão da realidade dos mesmos para que possam penetrar no estágio de absoluta transformação e alegria visto, que, a Filosofia é na sua natureza um saber alegre.

Conforme demonstrado, a prática do exercício filosófico no ensino médio tem um caminho a seguir. Entretanto, no percurso, pode assumir outros tantos, mas que deverão sempre objetivar os desejos e contextos dos discentes. Guiando-os sempre ao estágio de abandono total do senso comum, entrando em reflexão crítica se posicionando diante as representações do mundo agindo por si próprios fazendo uso de suas potencialidades mentais, sendo livres e autônomos em suas posições e convicções em interações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, pelo exposto, que o ensino de Filosofia no ensino médio quando articulado com métodos ativos de ensino coloca os discentes no plano da atividade e produção elevando o espírito humano ao campo reflexões que libertam o pensamento da simplista apreensão de conceitual previamente estabelecida. Pode-se afirmar que o exercício do pensamento passa a objetivar a quebra do regime das representações opressoras impostas desencadeando um processo de desterritorialização das subjetividades, isto é, um abalo nas estruturas subjetivas que dão sustentação ao senso comum.

Visto que a função filosófica é realização de sujeitos reflexivos e críticos que atuam movidos pela autonomia da razão, a ação libertadora somente se faz concreta quando da percepção do mundo apresentado no lastro da captura do mesmo pelo processo de criação dos conceitos pelos próprios indivíduos, no caso em tela, pelos discentes ao assumirem a posição ativa na relação ensino aprendizagem.

Para tanto, o ensino de Filosofia deve ser inserido nos anos iniciais da vida escolar sendo promovido a partir do ideal socrático de ignorância para que os

discentes possam rever o real teor dos seus conhecimentos, dos seus saberes e, se os mesmos, são por eles fundamentados, ou se são apenas reverberações do que lhes foi transmitido.

Não se trata, pois, de determinar o distanciamento do docente de Filosofia, mas de modificar o modelo tradicional de ensino onde o docente assume posição vertical mais elevada e o discente apenas recebe um emaranhado de conteúdos estabelecidos, ao contrário, o que verificamos pelo método ativo são articulações entre docentes e discentes em processos de análises dos conteúdos educacionais e continuada troca de saberes em produção e criação conceitual.

Como o implemento do método ativo, no ensino de Filosofia, pode-se reafirmar uma das mais importantes funções da Filosofia que é entristecer. A Filosofia que não entristece a ninguém e não contraria a ninguém, não é Filosofia. O Ensino da Filosofia tem a função de prejudicar a tolice, fazer da tolice algo de vergonhoso denunciando a baixa do pensamento determinado pelo senso comum. Não existe nenhuma outra disciplina, além da Filosofia, que se proponha a criticar todas as mistificações quaisquer que sejam seus objetivos.

O ser humano crítico reflexivo, autônomo e liberto é aquele que entendeu seu desconhecimento e deu início ao projeto de avanço mental refutando as falsas representações manifestas pelo senso comum e pelo aparato ideológico que os torna oprimidos. Proporcionar o estado de libertação é função do ensino de Filosofia tendo, tal ensino, o dever promover, nos discentes, a capacidade de entristecer o pensamento baixo, de denunciar a manutenção da tolice. O pensamento liberto e autônomo terá forma quando os discentes se verificarem como seres humanos produtivos e criadores de suas próprias éticas, estéticas e conceitos próprios, em ação filosófica, reinterpretando o mundo como manifesto pela via metodológica ativa.

Portanto, em razão da presente da pesquisa, considera-se que o ensino de Filosofia, no ensino médio, é uma atividade produtiva em forças ativas e criadoras onde a relação entre discentes e docentes se dá mediante trocas no sentido de que, todos os partícipes, do processo de ensino, ao fim, possam alcançar amplos graus reflexivos, onde docentes e discentes se transformem em seres mais humanizados, libertos e capacitados a refletir sobre o que lhes é transmitido. O ensino de Filosofia na educação, por fim, pode modificar todo processo aprendido compreendido, tal,

processo, como todas as áreas do saber, com melhor qualidade a partir do todo explicitado na presente pesquisa teórica.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. 2 ed.. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.
- BLIN, Jean, Gallais-Deulofeu, Claire. **Classes difíceis**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- BOSSA, Nádia A. **Dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DELEUZE, Gilles, GUATARRI, Félix. **O que é Filosofia**. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2013.
- DEWEY, John. **Vida e educação**. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 33 ed. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro: editora Paz e Terra, 1998.
- GALLO, Silvio Donizetti de Oliveira. **Ética e Cidadania - Caminhos da Filosofia**. 20 ed. São Paulo: Editora Papyrus, 2012.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de Filosofia no Ensino Médio**. São Paulo: Cortez, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HADOT, Pierre. **O que é a filosofia antiga?** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula**. 6. ed: São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- LEFRANC, Jean. **Compreender Nietzsche**. 6. ed: Petrópolis, Editora Vozes, 2006.
- LIPMAN, Matthew. **A Filosofia vai à Escola**. São Paulo: Summus, 1990.
- MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e grande política da linguagem**. 4. ed. Rio de Janeiro. Editora Civilização Brasileira. 2014.
- NOVAES, José Luiz Corrêa. **A Filosofia e seu ensino, desafios emergentes**. 1. ed. Porto Alegre Horizonte: Editora Meridional, 2014.
- PIAGET, Jean. Os procedimentos da Educação Moral. In: MACEDO, Lino de (Org.). **Cinco Estudos de Educação Moral**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- RODRIGO, Maria Lídia. **Filosofia em sala de aula**. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados Ltda, 2014.

XAVIER. Ingrid Muller. **Filosofar, aprender a ensinar**. 1. Ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.